

BECKERT, C.: – *Um Pensar para o Outro - Estudos sobre Emmanuel Levinas*, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa / F.C.T., Lisboa, 2008, 181 pgs.

Esta obra insere-se na já vasta e rica bibliografia sobre o filósofo lituano, atingindo porém um elevado nível quer especulativo, quer literário. É constituída por uma série de estudos que a própria autora enquadró em três capítulos: *I- Da Ética como Filosofia Primeira; II- A Estética para além da imagem; III- A subjectividade sem Sujeito*.

Segundo a expressão da autora, não se pretende proceder a uma abordagem sistemática da obra, mas seguir as múltiplas bifurcações do seu pensar, procurando o fio condutor que lhes proporcionaria sentido e, eventualmente, unidade.

A autora com frequência expõe o confronto entre o pensamento de Levinas e o de alguns dos seus mais destacados críticos, como Paul Ricoeur e Jacques Derrida, nomeadamente quando o primeiro reivindica o estatuto do Sujeito (enquanto *Soi-Même*) elidido pela onnipresença do Outro, ou o último o acusa de cultivar uma metafísica da violência, expressa na "luta pelo reconhecimento", dando lugar a uma cumplicidade estreita entre Ética e Hermenêutica.

A resposta implícita de Levinas consistiria no seu afastamento decidido de uma moral assente num fundamento metafísico de carácter ontológico e onde os valores do bem e do mal pré-existem à acção e lhe conferem consistência, optando por uma ética enquanto metafísica ou "filosofia primeira", exigindo, da parte do agente uma contínua interpretação do sentido da alteridade, previa a toda a hierarquia axiológica.

A primeira parte desta obra, seguindo o pensamento da autora, é dedicada às diversas figuras da alteridade, consubstanciada no feminino, no Próximo e no próprio Divino, enquanto indissociável, na sua revelação, do Rosto do outro homem. Na segunda parte, os estudos centram-se na crítica de Levinas à estética, como "idolatria da imagem". Ao abordar o tema da subjectividade a autora pretende acentuar a radicalização e inversão dos pressupostos fenomenológicos donde Levinas partira, mas que a partir de "Humanismo do outro homem" pretende superar.

Naquela que podemos considerar a formulação definitiva do seu pensamento o autor lituano situa-se num plano *além da consciência*, pondo esta em causa enquanto princípio de inteligibilidade, mas ao mesmo tempo restituindo a sua virtual potencialidade de se tornar "abertura hemorrágica" e resposta incondicional ao *outro* sob a forma da mais radical responsabilidade.

Naqueles cujo pensamento se apresentará como mais destacado oponente a Levinas, Freud e Ricoeur, a autora vislumbra as críticas ou dificuldades mais salientes do próprio pensamento de Levinas: a irredutibilidade da consciência não intencional levinasiana à noção de inconsciente/Id veiculada pela psicanálise; a dificuldade de um eu impossibilitado de retornar a si mesmo, se assumir enquanto tal e responder eticamente a outrem.

Particularmente interessantes e genuínos são os estudos que a autora dedica à reflexão levinasiana sobre o *amor* e a *arte*, e onde podemos ler, respectivamente que:

" Em vez de um amor ideal (casos de Tristão e Isolda, Romeu e Julieta) que leva à morte, Levinas prefere pôr em relevo a dimensão metafórica da relação erótica, onde o outro- feminino representa a própria impossibilidade de fusão, e a nudez exhibe, na exacta medida em que o oculta, o rosto que apela e exige resposta" (p.40); " A perfeita reciprocidade entre o ser e o aparecer, que caracteriza a obra de arte, quando aplicada à subjectividade, faz desta um puro jogo de imagens que reenviam umas para as outras, num exercício de liberdade formal, sem que alguma delas corresponda à questão *quem* joga? Ou *quem* age? Em suma, *quem* é responsável?" (p.120)

Fragmentos de um texto estimulante, e nunca redutor.